Editorial

Sem dúvida precisamos de um mundo mais feminino. Os homens, desde os tempos das cavernas, habituaram-se à violência, à brutalidade. O que seria uma necessidade de sobrevivência nos tempos primitivos transformou-se em conduta nas relações domésticas, no contato com terceiros, espalhou-se pelos sentimentos de nacionalidade, impregnou a vida social, a política, até a ciência. A história do homem é a história da barbárie do homem. A história do homem é a história das guerras do homem. Os lindos campos verdes da Terra, as montanhas de neve branquíssima, encheram-se do vermelho do sangue dos homens. Os heróis são guerreiros, alguns cultuados como a máxima expressão da nacionalidade. Daniel Cristóvão, um dos expoentes da campanha do quilo do Abrigo Nazareno, em Campo Grande, no Rio de Janeiro, falava da guerra na Itália, enxugando as lágrimas. Oficial do exército, sua tarefa era recolher o que sobrava dos corpos dos combatentes, depois dos canhões, da fuzilaria, dos carros de combate...

O mundo másculo é o mundo do tacão, das bordunas à bomba atômica. Temos hoje arsenais nucleares capazes de destruírem o planeta pelo menos vinte vezes, embora apenas uma seja necessária. Continuamos gastando milhões em armamento e munição, em defesa, em estratégias de ataque.

No século XXI, cansamos do tiroteio. Necessitamos de um mundo mais maternal. Queremos ouvir as doces canções que só as mães sabem cantar em nossos ouvidos. Um mundo curvilíneo, negocial, sensível, de convivência afável, generosa e cuidadora. Um mundo que chore, que ame, que ria, por amor. Um mundo cujo olhar seja um poema de luz, mensagem de esperança, bênção de paz. Enfim, um mundo mais feminino. É o que nos ocorre quando lemos o artigo de Therezinha de Oliveira, meditando sobre as mulheres do Evangelho, extraordinárias e verdadeiras heroínas das primeiras horas de sustentação da mensagem do Cristo na terra dos homens. Aliás, é sobre a angústia dos homens e a serenidade que nos vem de Jesus, que trata Yasmin Madeira em sua reflexão exatamente sobre as aflições que inevitavelmente ocorrem por causa do nosso primitivismo. Como diz o Cristo "... mas tende confiança, eu venci o mundo."

Da mesma forma e na mesma linha de reflexões, o sensível artigo científico do nosso querido Saulo Wanderley que, ordinariamente, é o nosso excelente tradutor ao Esperanto, mas, agora, integra o passe, como transfusão de amor, às modernas abordagens sobre a estrutura da matéria. É o Consolador que consegue produzir o encontro feliz entre ciência, filosofia e religião. Encontro mais uma vez definido com o excelente trabalho de André Henrique de Siqueira, associando a época da resolução dos graves problemas da convivência, com a Era do Espírito e a Era da Informação. Estão aí as redes sociais produzindo novas responsabilidades e compromissos para todos nós. Elas são, possivelmente, ferramentas da Era da Regeneração. Podemos colocar nas redes nossos valores, nossos padrões comportamentais, nossa ética, nossa moralidade, oferecendo a bilhões de pessoas o modo espírita de viver. No campo gigantesco dos *bytes* reluz a humildade, reconhece-se o valor do entendimento, percebe-se a sequência natural do progresso, segundo Kardec: idade, força, herança, riqueza, inteligência e inteligência acrescida de moralidade.

É o mundo novo em que a Era da Informação, como nos explica André Henrique, aumenta o tamanho de nossa própria ignorância. A era do conhecimento para a humanidade é a era da ignorância para o homem. Quanto mais sabemos, mais sabemos que nada sabemos.

Boa leitura e muita paz! ■

EXPEDIENTE

revista
Cultura Espírita

ISSN 1679-320X

Nº 36 – ANO IV
MARÇO 2012

Diretor
Cesar Reis

Coordenação Geral
Nadja do Couto Valle

Revisão
Teresa Costa

Jornalista Responsável
Marcelo José Gonçalves Sosinho
Reg. RJ 22746 JP

Diagramação e capa
Rogério Mota

Colaboradoras
Glória Magalhães
Joalina Alcântara

Redação
Rua dos Inválidos, 182
Centro - Rio de Janeiro/RJ
Brasil

E-mail: revistaculturaespirita@gmail.com
Site: www.portaliceb.org.br

Nossa Capa
Pintura "Três Marias no Túmulo",
de William Bouguereau (1825-1905)

Distribuição
Clube de Arte
www.clubedearte.org.br

Tiragem: 20 000 exemplares

Reprodução:
Gráfica e Editora Stamppa Ltda.

ICEB
INSTITUTO DE CULTURA
ESPÍRITA DO BRASIL
Casa de Deolindo Amorim

ÍNDICE

Editorial
Cesar Reis 03

Pelos Caminhos da Educação
Nadja do Couto Valle 05

Entrevista
André Henrique de Siqueira 06

Lar Fabiano de Cristo
Conhecendo as Unidades de Promoção Integral – Casa de Rodolfo Aureliano – Recife – PE 08

Deolindo Amorim
O Espiritismo e a Definição de Kardec 09

Crônicas de Família
Ana Guimarães 10

Suicídio Intencional e Suicídio Involuntário
Gerson Simões Monteiro 11

As Mulheres do Evangelho
Therezinha Oliveira 12

La Virinoj de la Evangelio
ESPERANTO – Versão: Saulo Wanderley 14

Encontro com Jesus
Yasmin Madeira 15

Passe – Transfusão da Energia do Amor
Saulo Wanderley 16

Juventude Espírita / Certas Palavras
Marcos Leite / Cesar Reis 17

O Centro Espírita do Mundo de Regeneração
Alberto Leitão Rosa 18

Clube de Arte NO AR
A ARTE ESPÍRITA A SERVIÇO DO BEM

Segunda — 12:00h - Despertar Espírita - Yasmin Madeira
Terça — 12:00h - Crônicas de Família - Ana Guimarães
Quarta — 12:00h - Encontro com Jesus - Yasmin Madeira
Quinta — 12:00h - Cultura Espírita - Assaruhy Franco e Cesar Reis

RÁDIO RIO DE JANEIRO — 1400 Khz - A emissora da fraternidade
sintonize
www.radioriodejaneiro.am.br

Nadja do Couto Valle

Pelos Caminhos da Educação

A ASTÚCIA DA RAZÃO E A INTELIGÊNCIA ASTUCIOSA

Em um mundo de expiação e provas, há pessoas que muitos, inclusive nossas crianças e jovens, consideram espertas/inteligentes, porque fazem fraudes e falcatruas, enganam o povo, driblam a verdade e a lei, e escapam ilesos, "levando vantagem" em tudo, inclusive em novelas, filmes, *reality shows*... "Como são espertas!", podem pensar as mentes infanto-juvenis. Efetivamente, tais situações/"esquemas" revelam criatividade, inteligência até, são astuciosos, só que a serviço do "homem velho", direcionados por valores que se contrapõem aos princípios da ética e da moral, sobretudo do Evangelho. Mas há neles uma certa coerência interna, racional, mesmo que a serviço do mal.

A razão, evolucionisticamente, desenvolve-se e se engrandece pelo exercício, como todas as outras faculdades. O alvorecer desse processo foi marcado por fortes sensações, pela predominância dos instintos, sobretudo os de prazer, por automatismos, e de poder, pela predominância sobre os mais fracos, como, por exemplo, animais predadores e vorazes, e indivíduos de convivência inicial mais difícil; daí a necessidade de vencê-los, e assim foi se desenvolvendo o ego como mecanismo básico de sobrevivência consciente do ser. Hoje, de modo geral, isso significa alto padrão de vida, confortos e sinais exteriores de riqueza, alcançados sem a medalha honrosa do trabalho, mas com a astúcia, invectivada contra os mais fracos ou mais inocentes. Por esse motivo, a astúcia predomina sobre a inteligência, para vencer conflitos e a necessidade de autodefesa, de sobrevivência.

Há, aí, basicamente duas questões: o mecanismo mental e a execução, o ato. A razão forja, cria e a inteligência realiza. No prefácio de sua *Fenomenologia do espírito*, Hegel usa a expressão *die List der Vernunft*, comumente traduzida como "astúcia da razão", que ele aborda em seus ensinamentos sobre história universal, ao observar que, na história, os indivíduos seguem seus próprios interesses e paixões. Ou seja, a razão tem astúcia suficiente para pôr a seu serviço o que mais contrário parece a ela: os interesses particulares, as paixões e, em geral, todas as irracionalidades, que passam a atuar por si mesmas até que, entre perdas e danos, saia algo positivo/afirmativo.

E quando ocorre o inverso – algo que chamaríamos de "Sem-Razão", e o que alguns filósofos chamaram de "o Irracional" tem suficiente astúcia para pôr a seu serviço todo o racional – temos a "astúcia da sem-razão", ou seja, como o irracional consegue "persuadir" a razão de que é dona de si mesma e de seus próprios caminhos, o que, concretamente, significa enganar os seres humanos supostamente racionais e, simultaneamente, ao racionalizar o irracional, a sem-razão parece ficar explicada; mas, no fundo, continua agindo como sem-razão, embora revestida de suposta racionalidade. É o que fazem alguns Espíritos chamados obsessores com suas vítimas, como atestamos em *O livro dos médiuns* e em nossa experiência à mesa mediúnica.

Se este é o mecanismo mental, consideremos agora o da realização, do ato, ou o campo da inteligência astuciosa, uma inteligência prática, marcada por iniciativa, inventividade, criatividade, engenhosidade e astúcia – ou *métis*, nome da deusa Métis, da Grécia Clássica, que tinha o poder de revestir quantas formas quisesse. Esse tipo de inteligência[1] tem mais interesse pelos resultados do que pelos meios de atingi-los e o predomínio da astúcia, no plano positivo – para gerar mudanças e soluções e no negativo – para gerar "estratégias" visando a fraudes e ilegalidades com aparência racional honesta e/ou fama, celebridade etc. Para triunfar sobre um adversário também dotado de métis, é preciso voltar contra ele suas próprias armas[2].

A Doutrina Espírita nos adverte sobre o mau uso das faculdades de que estamos investidos por Deus. A criatura que ainda se vale, para alcançar objetivos na vida, das artimanhas e astúcias próprias do instinto animal de autopreservação, torna-se, segundo Joanna de Ângelis[3], um ser pusilânime, adaptável e aderente a quaisquer circunstâncias, pessoas e situações: mente, engana... enganando-se, trai, inventa desculpas e "esclarecimentos"; é insegura, bajuladora, e se perde em ilusões e na autoilusão, até ser descoberta ou relegada a plano secundário. Cultivar a astúcia é permanecer infantil, em mecanismos de fuga da realidade e do dever, a serem removidos pela energia da razão.

A Mentora Espiritual Joanna de Ângelis esclarece[4] com "advertência àqueles que estão sempre transferindo deveres e realidades, acreditando na própria astúcia. Supõem-se, todos quantos assim agem, que são muito espertos, enquanto os demais são estúpidos ou ingênuos. Em realidade, astúcia não expressa inteligência, mas sim, instinto de preservação da vida e dos jogos de interesses pessoais. Todo indivíduo tem desafios para crescer. (...) Quando se resolve mal um problema, ele dá surgimento a outro, que lhe é resultado, ou retorna mais desafiador. Por isso, somente as atitudes corretas, baseadas na honradez e na lealdade, conseguem resolver em definitivo as dificuldades e as ocorrências desagradáveis do percurso." ■

Referências

[1] Esse tipo de inteligência: a) tem o predomínio da astúcia; b) objetiva alcançar a eficácia prática na relação do homem com a realidade, ao dominar os obstáculos com astúcia para obter sucesso nos mais diversos domínios da ação; c) tem maior interesse pelos resultados do que pela maneira de alcançá-los; d) é usada para driblar situações e gerar mudanças face ao estabelecido; e) é conivente com o real, o que lhe garante sucesso em áreas nas quais se exigem invenção e novas saídas, inusitadas e criativas; f) encontra o caminho mais curto/desvio para alcançar um objetivo; g) permite a superação de padrões estigmatizados; h) está presente em todas as tarefas e atividades do trabalho, manual e intelectual.

[2] Exemplos disso, na mitologia, são Aracne, uma mortal, exímia tecelã, que desafiou a deusa Atena, protetora dos artesãos; e Sísifo, que astuciosamente enganou os deuses Zeus, Hermes, e também a Morte.

[3] FRANCO, Divaldo. **Amor imbatível amor**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador,BA: Livr. Espírita Alvorada, 1998. Cap. 6, subtítulo "Astúcia e Criatividade", p. 117.

[4] FRANCO, Divaldo. **Vida: desafios e soluções**. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 3.ed. Salvador, BA: Livr. Espírita Alvorada, 1997.p. 40.

ICEB - Aulas e Palestras Sábado - 13h30min às 17h15min.

Entrevista

Espiritismo e Ciência da Informação

André Henrique de Siqueira é doutorando em Ciência da Informação,
professor universitário e colaborador da FEB

RCE – A Era da Informação coincide com a Era de Regeneração? Quais as implicações?

A Era da Informação é um período designado pelos especialistas para identificar o crescimento exponencial do processamento de informações e o uso de modelos de informação como metáfora para descrever e pensar sistemas diversos.

Desde o famoso trabalho *A Mathematical Theory of Communication*, de Claude Shannon, os modelos de comunicação se multiplicaram. Sua Teoria Matemática da Informação – publicada em conjunto com Warren Weaver, teve influência decisiva na concepção e montagem de sistemas de codificação de sinais e redes de transmissão. Ao mesmo tempo em que os trabalhos de Nobert Wiener deram origem à cibernética e John von Neumann propunha uma arquitetura para a construção de computadores – a mesma que utilizamos hoje –, as aplicações das ideias de Shannon foram delineando o uso intensivo de informações nas mais diferentes áreas.

O termo informação é de natureza polissêmica e ainda hoje é fruto de debates e discussões sobre o significado ao qual se refere. Por sua vez, a Era da Regeneração é um período, designado pelos espíritas, como o início do estabelecimento da transição da condição de mundo de provas e expiações para mundo de regeneração. Se aplicarmos os critérios de Allan Kardec para a apreciação das características destes mundos e suas relações com as

Aristocracias – conforme podemos ver em *Obras póstumas*, diremos que a Era da Informação caracteriza-se na Aristocracia Intelectual e a Era da Regeneração caracteriza-se pela Aristocracia Intelecto-Moral, referindo-se, portanto, a períodos distintos.

RCE – A Era da Informação mudou o paradigma das instituições que não foram montadas e adaptadas para um mundo novo que vai acelerar ainda mais. Como o movimento espírita deve buscar uma estrutura compatível com tal realidade?

Em seu famoso *A decadência do ocidente*, Oswald Spengler, sociólogo alemão do início do século XX, disse: "Os problemas que cria a realidade histórica se resolvem, ou pelos indivíduos ou contra eles". A Era da Informação afetou profundamente as instituições humanas. Virtualizou as empresas de serviços, destruiu a indústria fonográfica tradicional, alterou os modelos de transmissão em massa, cindiu a indústria da noticia impressa e ameaça, na atualidade, o trabalho de editores e publicadores de livros em papel.

A nova geração está mais ambientada com os *tablets* do que com as revistas em papel, e acharam melhor estudar em livros que integram vídeos, fotos e ligações para outros conteúdos do que em livros que lhes mostram textos estáticos. Mas isto exige uma mudança no modo de pensar, nos esquemas de concentração e nas formas de raciocínio em níveis de multimodalidades – a codificação de conteúdos utilizando vários suportes (texto, vídeo, diagramas, fotografias, áudio sincronizado, vínculos a outros conteúdos). Esta nova mentalidade chegará, dia mais dia menos, às Casas Espíritas e aos livros espíritas... E chegará porque aqueles que os utilizam e produzem serão educados nesta mentalidade. O problema estará na transição... Assim é importante que a Casa Espírita foque no conteúdo que oferece. Isto porque, quando o conteúdo é bom, o meio que o transmite é mero acessório, e as pessoas saberão reconhecer isto. A Doutrina Espírita tem a sua força na Filosofia Espírita, que oferece material para o intelecto – pela ciência, e para o sentimento – pela religião, que invoca a caridade como atitude em todos os momentos. Se as casas espíritas se concentrarem na excelência do conteúdo que divulgam, a transição será suave. E é sempre bom lembrar que

Despertar Espírita na WEB - Sábado, 19h, na tv cei.com

o maior instrumento de divulgação do Espiritismo é a conduta de seus profitentes, que está acima dos movimentos temporários.

RCE – Pesquisas indicam que a principal atividade dos mais jovens na *internet* é o acesso aos programas de mensagem instantânea e redes sociais. Qual o significado disso para as Casas Espíritas, sobretudo no que se refere às atividades da mocidade espírita?

Manuel Castels, estudioso moderno, analisa o impacto das redes no contexto da sociedade. A rede é uma estrutura cooperativa que se identifica em contextos tão distintos como numa população celular ou numa coleção de equipamentos. Uma de suas principais características é a sinergia, a cooperação entre as partes para um melhor funcionamento do todo. Devemos reconhecer que a sociedade pós-Segunda Guerra resultou num hiato de perspectivas. A Guerra fria estabeleceu o medo global, as revoluções éticas legaram um relativismo moral em que as pessoas se usam como objetos de consumo; o crescimento populacional criou metrópoles e uma cultura de isolamento incomum...

Quando os jovens de hoje descobriram que era mais fácil o diálogo mediatizado que o presencial, a antiga *Internet* – uma rede de computadores, transformou-se numa *interGeeks* – uma rede de pessoas familiarizadas com tecnologia e que a utilizam para tudo, inclusive para seus relacionamentos. Daí surgiu a moda das redes sociais e a cultura da sociedade conectada. Pensamos que o fato reflete, em essência, uma manifestação da lei de sociedade. Todas as criaturas querem amar e serem amadas e, quando o mundo das pessoas presenciais não lhes fornece espaço para a manifestação de sua individualidade, o espaço eletrônico passa a ser utilizado como mecanismo de expressão individual. Aprender a utilizar as redes sociais como instrumentos de integração na mocidade espírita é um desafio que aos poucos vai se construindo e superando. Nelas o jovem poderá estudar e discutir, conversar e debater, ter acesso a conteúdos e exemplos que podem dignificar seu aprendizado. Parece um mundo promissor para a didática da evangelização espírita infanto- juvenil.

RCE – De maneira geral, *games* para crianças, jovens e adultos, usam competição, destruição, violência. Devemos, no movimento espírita, construir *games* baseados em nossos valores do perdão, da ética, do amor verdadeiro? Temos possibilidade de formar técnicos com tal capacidade?

Pensamos que o papel da Casa Espírita é formar homens de bem. Os técnicos e especialistas serão formados nas escolas. A construção de jogos educativos com conteúdo espírita é uma atividade tão importante quanto a editoração de livros espíritas, porque podem induzir a aplicação de conteúdos éticos aprendidos na evangelização. Mas é possível contratar especialistas para desenvolver tais jogos, se o conteúdo, o roteiro deles está bem formulado. Assim como um livro espírita pode ser impresso numa gráfica profissional, um *game* espírita pode ser programado por especialistas, mas a concepção precisa da participação de psicólogos, pedagogos, tecnólogos, e cientistas da computação que tenham familiaridade com o conteúdo espírita. Este parece um desafio no qual os profissionais destas áreas, que conhecem o Espiritismo, poderiam pensar como zonas de cooperação futuras.

RCE – Pode haver um nicho espírita estruturado em plataforma aberta? Qual o papel da família em relação às redes, que são nossa realidade presente e futura, e a mecanismos de aproximação, interferência e relacionamento?

O Espiritismo não deve ser um nicho. Como nos ensinou Kardec, o Espiritismo, por estudar uma das forças da natureza – o Espírito – toca forçosamente em todas as áreas do pensamento humano. Deveremos estudar a matemática considerando o Espírito, a psicologia, considerando o Espírito, a física, considerando o Espírito. As plataformas tecnológicas podem nos proporcionar redes sociais para a discussão de temas espíritas, como hoje já ocorre no espiritismo.net (*www.espiritismo.net*), uma rede que atua no estudo, divulgação e vivência do Espiritismo há mais de 15 anos. Teve seu início na antiga plataforma do IRC e hoje se estrutura em tecnologias diferentes porque entendeu que o foco não está na estrutura tecnológica, mas na essência da filosofia espírita.

A família é o núcleo de aprimoramento do ser. É a primeira escola e o instrumento social para incutir bons hábitos no espírito infantil. E quando os pais e familiares abrem mão deste papel – como ocorre em grande parte da sociedade moderna, a sociedade estertora na falta de valores, na conduta pusilânime, na violência injustificada. E as pessoas procuram nas redes sociais o diálogo que não têm, o afeto que não têm, as oportunidades que não têm... Se a família desempenha o seu papel, o uso dos instrumentos tecnológicos será tão natural quanto o uso de lápis e papel para a formação da personalidade. Viver é criar realidades. A rede social é a realidade de nossa cultura, mas os valores do Espírito são a realidade do Universo, são a resultante das Leis Naturais, que todos devemos buscar compreender e vivenciar, entender e aplicar. ■

Clube de Arte no Ar – Segunda-feira, 12h, na Rádio Rio de Janeiro 1400 AM

Lar Fabiano de Cristo

Conhecendo as Unidades de Promoção Integral

Casa de Rodolfo Aureliano – Recife – PE

Inúmeras solicitações de ajuda chegavam ao Lar Fabiano de Cristo oriundos de Recife - PE, local de grandes contradições sociais: folclore riquíssimo, cidade multicultural, mas com a desigualdade social expressiva, especialmente pela falta de oportunidades e ausência de saneamento. As drogas e os aglomerados urbanos contribuíam para o cenário tão desolador.

Em junho de 1973, o Lar Fabiano de Cristo adquiriu um imóvel e nele realizou a primeira Distribuição de Gêneros e Benefícios, em 11/06/73, com 46 famílias presentes.

A Casa Assistencial começou a funcionar já com sede própria e capacidade para atender a 100 famílias, com 120 crianças em suas classes de adaptação.

A criação da Casa foi registrada na Ata de Reunião de Diretoria Executiva, realizada em 14/12/73.

Hoje, a Unidade de Promoção Integral Casa de Rodolfo Aureliano atende a 210 famílias e 77 idosos, num total de 1027 pessoas, com atendimento médico, odontológico, apoio nutricional e suplementação alimentar, grupos sociais, ações de cidadania, capacitação profissional, programa Jovem Aprendiz e atividades socioeducativas, de esporte e arte.

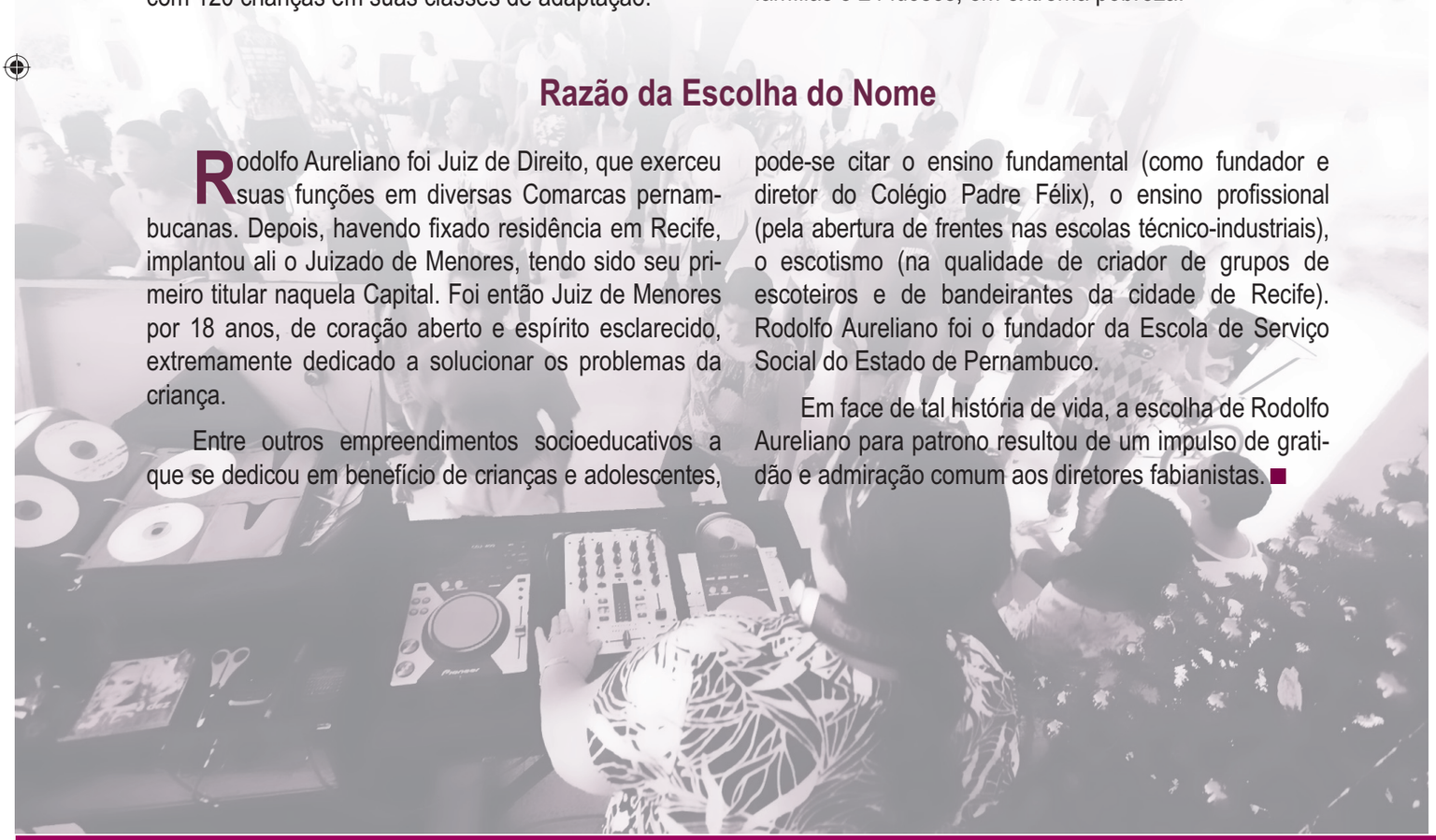
A Casa de Rodolfo Aurelino possui ainda um braço de atuação desde 1994 - o Polo de Cáritas, hoje com 89 famílias e 24 idosos, em extrema pobreza.

Razão da Escolha do Nome

Rodolfo Aureliano foi Juiz de Direito, que exerceu suas funções em diversas Comarcas pernambucanas. Depois, havendo fixado residência em Recife, implantou ali o Juizado de Menores, tendo sido seu primeiro titular naquela Capital. Foi então Juiz de Menores por 18 anos, de coração aberto e espírito esclarecido, extremamente dedicado a solucionar os problemas da criança.

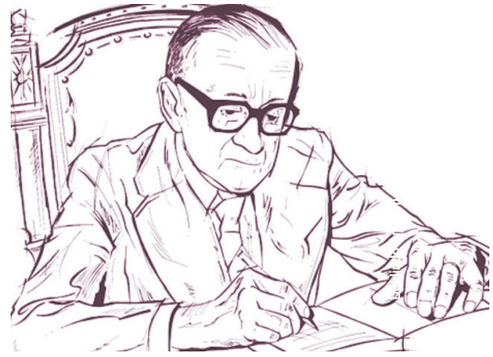
Entre outros empreendimentos socioeducativos a que se dedicou em benefício de crianças e adolescentes, pode-se citar o ensino fundamental (como fundador e diretor do Colégio Padre Félix), o ensino profissional (pela abertura de frentes nas escolas técnico-industriais), o escotismo (na qualidade de criador de grupos de escoteiros e de bandeirantes da cidade de Recife). Rodolfo Aureliano foi o fundador da Escola de Serviço Social do Estado de Pernambuco.

Em face de tal história de vida, a escolha de Rodolfo Aureliano para patrono resultou de um impulso de gratidão e admiração comum aos diretores fabianistas. ■



Crônicas de Família, com Ana Guimarães – Terça-feira, 12h, na Rádio Rio de Janeiro 1400 AM

O ESPIRITISMO E A DEFINIÇÃO DE KARDEC



Dentro da definição que lhe deu Allan Kardec, o Espiritismo tem, ao mesmo tempo, um aspecto geral, como filosofia espiritualista, e os aspectos particulares, que são inerentes a seu caráter e sua organização. Quem o diz é o próprio Allan Kardec na introdução de *O Livro dos Espíritos*, ao ensinar que "todo espírita é espiritualista, mas nem todo espiritualista é espírita". Realmente, há muitos espiritualistas que, embora admitam o fenômeno de além-túmulo, não aceitam os postulados do Espiritismo. São espiritualistas, mas, na realidade, não são espíritas.

Estas noções iniciais são muito conhecidas dos adeptos do Espiritismo, mas a verdade é que muitas pessoas julgam mal o Espiritismo, exatamente porque não conhecem as noções elementares da Doutrina. Daí, portanto, a necessidade, não mais para os espíritas, mas para o elemento leigo, de certos rudimentos indispensáveis a respeito do Espiritismo, sua definição, seu caráter, seus métodos, suas consequências.

O fenômeno, como se sabe, é o ponto de partida, tanto do Espiritismo, como de todas as escolas e correntes que se preocupam com o além-túmulo. É de notar-se, porém, que nem todos os que se dedicam à experimentação mediúnica entram nas indagações de ordem filosófica. Sob este ponto de vista, é claro que o Espiritismo ultrapasse a experimentação pura e simples, porque, além de tratar, também, da origem do fenômeno, tira consequências morais de grande influência, tanto na vida particular, como na vida social. Justamente por isso foi que Allan Kardec definiu o Espiritismo como uma ciência que trata da origem e do destino dos espíritos, assim como de suas relações com o mundo terreno.

Aí estão, implicitamente, os três pontos básicos: a origem e destino dos espíritos são questões transcendentais de alta filosofia; a relação dos espíritos com o mundo terreno é assunto da ciência experimental, porque são os fenômenos que provam essas relações; o aspecto moral, porém, é fundamental para o Espiritismo. De que serve a experimentação apenas como assunto de curiosidade? De que serve entrar em comunicações com os espíritos ou provocar fenômenos, sem tirar desses fenômenos o que é essencial para o refinamento dos costumes, para a reforma interior do homem?

> *"Para muita gente, Espiritismo é apenas fenômeno, mas quem conhece um pouco da Doutrina sabe muito bem que não é assim."*

Para muita gente, Espiritismo é apenas fenômeno, mas quem conhece um pouco da Doutrina sabe muito bem que não é assim. Para certas escolas, por exemplo, o fenômeno é o fim, ao passo que para o Espiritismo o fenômeno é o meio. Mas, meio de quê? Meio de aperfeiçoamento, elemento de convicção para a aceitação da vida futura e, consequentemente, caminho para a crença em Deus.

Enquanto certos experimentadores levam anos e anos observando e provocando fenômenos, sem tirar conclusão alguma acerca dos altos e importantes problemas da vida futura e do destino humano, o experimentador espírita, quando bem orientado pela Doutrina Espírita, parte do fenômeno, sobe à indagação dos porquês, que é o terreno da filosofia, e, depois, faz as necessárias aplicações à vida prática, isto é, ao comportamento do homem, às atitudes privadas e públicas, aos padrões de moralidade que a condição de espírita exige em qualquer situação. A não ser assim, a experimentação, por si só, é assunto simplesmente de curiosidade. ■

Revista Internacional de Espiritismo – Junho 1954, nº 5.

In: JORGE, José. **Relembrando Deolindo** – II. Rio de Janeiro: Ed. CELD, 1994. p. 20-21.

Encontro com Jesus, com Yasmin Madeira – Quarta-feira, 12h, na Rádio Rio de Janeiro 1400 AM

Ana Guimarães

Lembranças

Pessoas existem que marcam de forma indelével a vida de outras, pela sua postura diante das circunstâncias, pela maneira de se comunicar, por atitudes tomadas etc.

A personagem que escolhi para esta página, cujo nome será omitido por questões óbvias, causou polêmicas infindáveis no movimento espírita, dividindo opiniões entre certo e errado, por muito tempo, sem que isso, absolutamente, modificasse seu comportamento.

Era um homem alto, cabelos totalmente encanecidos, todavia o semblante era jovial e os olhos de criança, francos e diretos, impunham respeito. Sua entrada no Centro Espírita era motivo de alegria para todos, e a palavra calma e esclarecida agradava sempre.

Na vida particular, servia de exemplo a forma gentil e constantemente atenciosa com que tratava a esposa, preocupando-se com a saúde delicada da companheira de quase cinquenta anos de matrimônio. Nem tudo, porém, era perfeito na vida do casal. Havia a presença de um único filho, cuja vida e comportamento enchiam de tristeza o coração dos pais.

Esse homem fora obrigado pelas circunstâncias a estampar, em jornal da localidade, uma nota em que afirmava não mais se responsabilizar pelas dívidas ou pelo comportamento do jovem.

Aí, então, ocorreu o fato que suscitou toda polêmica entre os amigos de ideal ou não. O filho fora preso e, após cumprir o tempo de detenção, posto em liberdade, encontrava-se enfermo e desabrigado. Assim, procurou pela mãe suplicando socorro.

Carinhosa e sofrida, ela pede a aquiescência do esposo para recolher o filho. Depois de meditar longamente, ele assinala:

– Minha querida, eu não posso ferir seu carinho de mãe, tampouco devo transigir com a decisão adrede tomada, no sentido de que não mais lhe daria cobertura, não importando a circunstância, depois de todas as chances e oportunidades desperdiçadas por incúria e desrespeito dele.

E, respirando fundo, acrescenta:

– Recolha seu filho, trate-o como bem lhe aprouver, mas não posso permanecer sob o mesmo teto. Com dor no coração, me mudarei para um hotel, onde permanecerei, enquanto durar o socorro que lhe prodigalizar. Quando ele se for, retorno.

E foi o que ocorreu. O homem é um ser surpreendente. Pelo inusitado da situação, o casal tornou-se centro de atenção de muitos que discutiam pró ou contra. Com tantos grupos concordantes e discordantes, acredito que, por algum tempo, a vida das pessoas perdeu a possível monotonia.

A partir de então, no declínio da tarde, naquele momento mágico do crepúsculo, na esquina da rua X com a rua Y, encontrávamos invariavelmente o nosso amigo com uma rosa na mão, aguardando a esposa-namorada. Ao vê-la chegar, enfeitava o rosto com um sorriso feliz e oferecia-lhe o braço para um passeio que durava até a chegada da noite.

Como termina o caso? Simples e bom como os sentimentos honestos e verdadeiros no coração do homem. Num início de noite, quando retornavam do passeio, o filho os aguardava na esquina onde se despediam.

– Pai, não precisa mais ficar fora de casa, estou saindo agora, mas vou retornar quando for digno dos pais que Deus me deu.

E foi o que ocorreu, mais tarde.

Em nós, ficaram razões para analisar, com equidade, o fato de estarmos num mundo de provas e expiações, e a maneira pela qual encaramos o nosso papel diante delas. Fica o aproveitamento que tiramos das benditas oportunidades que a Justiça Divina nos oferece, vencendo, com louvor, os desafios. ■

Cultura Espírita, com Assaruhy Franco e Cesar Reis – Quinta-feira, 12h, na Rádio Rio de Janeiro 1400 AM

Gerson Simões Monteiro

Suicídio intencional e suicídio involuntário

Em *O céu e o inferno, ou a justiça divina segundo o Espiritismo*[1], ao relatar o suicídio de um pai para que o filho não fosse convocado para o serviço militar, Allan Kardec faz algumas observações que gostaríamos de destacar, no que diz respeito às graves consequências do suicídio procurado conscientemente pelo indivíduo:

Suicídio voluntário

"Em regra, o homem não tem o direito de dispor da vida, por isso que esta lhe foi dada *visando deveres a cumprir na Terra*, razão bastante para que não a abrevie voluntariamente, sob pretexto algum. Mas, ao homem — visto que tem o seu livre-arbítrio — ninguém impede a infração dessa lei. Sujeita-se, porém, às suas consequências. O suicídio mais severamente punido é o resultante do desespero que visa à redenção das misérias terrenas, misérias que são ao mesmo tempo expiações e provações. Furtar-se a elas é recuar ante a tarefa aceita e, às vezes, ante a missão que se devera cumprir".

Suicídio involuntário

Diz ainda o Codificador, nessas observações[2], que "o suicídio não consiste somente no ato voluntário que produz a morte instantânea, mas em tudo quanto se faça conscientemente para apressar a extinção das forças vitais".

A propósito, assisti por esses dias um documentário na Tv a respeito da vida da famosa estrela de Hollywood, Marilyn Monroe, e, ao final, são apresentadas diversas hipóteses a respeito da morte da artista: a de suicídio por ingestão intencional de soníferos e a suspeita de homicídio a mando dos Kennedy.

No entanto, com base na entrevista da própria Marilyn, o Espírito Humberto de Campos, com base em entrevista a ele concedida e publicada no livro *Estante da vida*, psicografado pelo médium Chico Xavier, enquadra a desencarnação da atriz como suicídio involuntário, em consonância com o conceito do Codificador a que nos referimos anteriormente.

Nessa entrevista ela declara[3], com muita lucidez, que "a tese do suicídio intencional não é verdadeira como foi comentada (...) Os vivos falam acerca dos mortos o que lhes vem à cabeça sem que os mortos lhes possam dar a resposta devida". Disse[4] ela ainda a seu entrevistador no mundo espiritual que não conseguiu dormir na hora da sua morte e que acompanhou, "com indescritível angústia, o que se seguiu com o [seu] corpo inerme".

Diante dessa informação, Humberto de Campos pergunta a Marilyn Monroe sobre o porquê de sua percepção acentuada no instante da morte, que de modo comum traz anestesia e repouso. Obteve a seguinte resposta[5]:

"— Efetivamente, não tive a intenção de fugir da existência, mas, no fundo, estava incursa no suicídio indireto. Malbaratara minhas forças em nome da arte, entregara-me a excessos que me arrasaram as oportunidades de elevação... Ultimamente, fui informada por amigos daqui de que não me foi possível descansar, após a desencarnação, enquanto não me desvencilhei da influência perniciosa de Espíritos vampirizadores a cujos propósitos eu aderira, por falta de discernimento quanto às leis que regem o equilíbrio da alma".

Não é suicídio

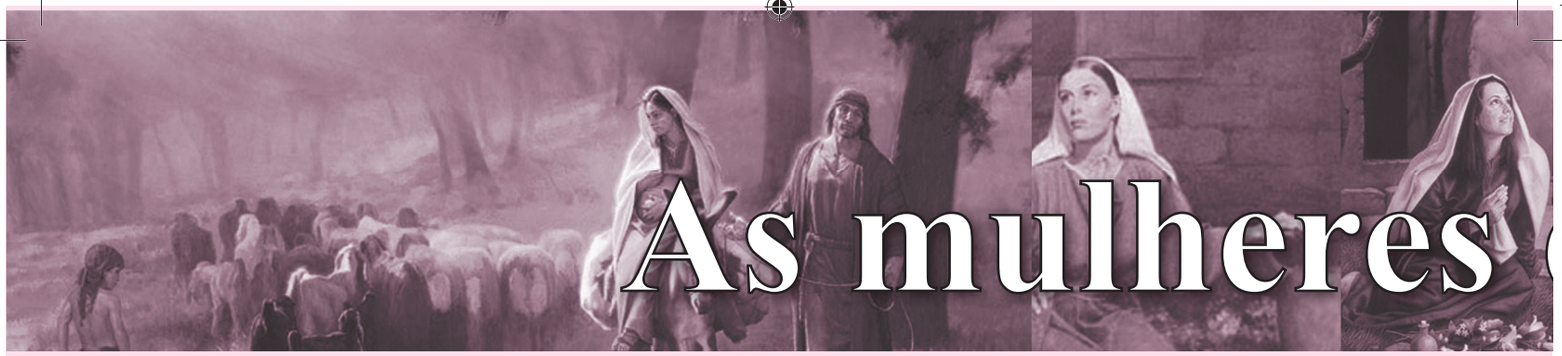
Ao final das observações a que nos referimos, Allan Kardec faz um esclarecimento[6] importante, à guisa de ressalva, a respeito do papel da intencionalidade nos casos de mortes que podem ser consideradas suicídio: "Não se pode tachar de suicida aquele que dedicadamente se expõe à morte para salvar o seu semelhante: primeiro, porque no caso não há intenção de se privar da vida e, segundo, porque não há perigo do qual a Providência nos não possa subtrair, quando a hora não seja chegada. A morte em tais contingências é sacrifício meritório, como ato de abnegação em proveito de outrem." ■

Gerson Simões Monteiro é economista, vice-presidente da Funtarso, Operadora da Rádio Rio de Janeiro

Referências

[1, 2, 6] KARDEC, Allan. **O céu e o inferno**: ou a justiça divina segundo o Espiritismo. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987. Segunda Parte, cap. V, "O pai e o conscrito", p. 300.

[3, 4, 5] XAVIER, Francisco Cândido. **Estante da vida**. Pelo Espírito Humberto de Campos. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Cap. 1, p. 16; 17.



As mulheres

Nas páginas do Evangelho, que relatam a sublime caminhada de Jesus pelas terras da Palestina, há dois mil anos, é marcante a presença da figura feminina, ensejando formosos ensinos do Mestre, exemplos de fé e perseverança das mulheres citadas e esclarecimentos oportunos para todos os cristãos.

Não obstante a estrutura social israelita não favorecesse à mulher maior presença e atividade em público, cita o evangelista Lucas que algumas mulheres seguiam Jesus e os apóstolos em suas andanças, prestando-lhe, certamente, apoio logístico e assistência com os seus bens (Lc 8:1/3). Demonstravam-lhe, assim, a mais vívida gratidão, porque as havia curado de espíritos malignos e enfermidades, como, entre outras, Maria Madalena, Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Suzana. Listamos algumas passagens em que é evidente a compreensão e compaixão de Jesus para com a mulher sofredora.

Uma adúltera perseguida pela turba justiceira encontrou em Jesus a defesa, aparentemente silenciosa a princípio, que se fez eloquente e decisiva ao sentenciar: *Aquele que dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro que lhe atire pedra.* E, ao vê-la isentada, pelo afastamento de todos, disse-lhe compreensivo: *Nem eu tampouco te condeno; vai, e não peques mais* (Jo 8: 1/11).

Da pecadora que, arrependida, lhe regava os pés com suas lágrimas, os enxugava com os seus cabelos e os ungia com o unguento que levara, assegurou o Mestre a Simão, o fariseu hospedeiro, que seus muitos pecados lhe eram perdoados, *porque muito amou*. (Lc 7: 36/50). Seu amor, seu arrependimento e desejo de recuperação, era veementemente demonstrado naquele ato singelo.

Mas aquele a quem pouco se perdoa, é que pouco ama, disse ainda Jesus. Pouco ama quem ainda não percebeu o quanto tem recebido da bondade divina; não reconhece estar em erro, nem manifesta qualquer vontade de recuperação, nada faz para compensar o mal que tenha causado. Como poderá alcançar o perdão, redimir-se perante a lei divina?

A mulher hemorrágica, movida pela fé ardente, aproximando-se de Jesus, pensava intimamente: *Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada.* E, quando o fez, agiu como uma bomba aspirante, captando a virtude curadora de Jesus, mesmo em estando ele em meio à multidão, que o envolvia e pressionava (Ver Cap. XV, item 11, de *A gênese*, de Allan Kardec). *E logo se lhe estancou a hemorragia e sentiu no corpo estar curada de seu flagelo.* Jesus percebeu o acontecido: *Quem me tocou? Porque senti que de mim saiu poder*. E, quando a mulher se revelou, lhe disse: *Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz, e fica livre do teu mal* (Mc 5: 25/34, Lc 8:43/48).

Mas, na sinagoga, compadecido da mulher que, há dezoito anos andava encurvada, sem se poder endireitar, Jesus agiu como uma bomba calcante: impondo as mãos sobre ela e, com seus fluidos salutares, vontade firme e autoridade moral, libertou-a do assédio de um "espírito de enfermidade" (Lc 13:10/13).

Estando Jesus pela região de Tiro e Sidon, uma mulher cananeia lhe pediu ajuda para sua filha que estava terrivelmente endemoniada. Apesar da oposição dos discípulos, ela, com rogos insistentes, seguia Jesus pelo caminho, demonstrando a grande confiança que tinha de que ele lhe poderia curar a filha. Quando o Mestre informou que só fora até ali em busca das *"ovelhas perdidas da casa de Israel"*, com humildade ela reconheceu não ter maior merecimento, mas perseverou no pedido, argumentando com inteligência: *"Sim, senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos",* conseguindo, enfim, o atendimento pleiteado (Mt 15:21/28).

Cenas instrutivas encontramos no Evangelho, com Marta e Maria, irmãs de Lázaro. Jesus amava essa família e várias vezes esteve com eles em Betânia, onde moravam. Ali, certa vez, se encontrava hospedado e Maria, *assentada aos seus pés, ouvia-lhe os ensinamentos*. Marta, que *se agitava de um lado para outro, ocupada em muitos serviços,* pediu a Jesus que ordenasse a Maria fosse ajudá-la, mas ele respondeu: *Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário, ou mesmo uma só coisa; Maria escolheu a boa parte e esta não lhe será tirada.* (Lc 10: 33/42). Serve o episódio para nos alertar quanto ao equilíbrio que devemos manter entre os afazeres necessários à vida corpórea e os interesses do espírito, atendendo a uns sem descurarmos dos outros. Em outra oportunidade, Maria teve, novamente, o destaque e a aprovação de Jesus por seu agir. Foi após a ressurreição de Lázaro e pouco antes da última páscoa do Senhor. Lázaro e suas irmãs recepcionavam Jesus com uma ceia e Maria ungiu com bálsamo de nardo puro, mui precioso, os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos. A casa toda se encheu do perfume. Judas Iscariotes, um dos discípulos, comentou que teria sido melhor vender o caro perfume e doar seu valor aos pobres, ao que lembrou Jesus: *os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes* (Jo 12-1/8).

Jesus afastara de um homem o espírito que o deixava mudo e deu explicações sobre como exercem os invisíveis a ação perturbadora. Admirando-lhe a capacidade e o valor de seu ensino, uma mulher, que estava entre a multidão, exclamou: *Bem-aventurada aquela que te concebeu e os seios que te amamentaram!* Esse jeito popular de aplaudir e exaltar a quem se admira, ainda é encontrado em alguns povos (Lc 11:27/28). Jesus respondeu: *"Antes bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam",* porque o que nos confere mérito espiritual não são os feitos de outros, mas os nossos próprios atos. *A cada um é dado segundo as suas obras*.

No gazofilácio, onde se recolhiam as ofertas destinadas aos serviços do templo e as oferendas, pobre viúva depositara duas

s do Evangelho

Therezinha Oliveira

pequenas moedas. Sua doação foi imediatamente destacada por Jesus aos olhos dos discípulos, esclarecendo que os outros haviam ofertado do que lhes sobrava, enquanto ela, *da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento.* Da sábia observação de Jesus, aprendemos que o valor de uma dádiva é tanto maior quanto a mais se renuncia para poder doar (Mc 12:42, Lc 21:2/4).

Caminhando para o Gólgota, sob o peso da cruz, seguido por grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam no peito, e o lamentavam, Jesus ainda encontrou forças para alertá-las e aconselhar: *Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas e por vossos filhos.* E visualizando o futuro, quando a cidade de Jerusalém seria sitiada e invadida pelos romanos, continuou: *Porque dias virão em que se dirá: bem-aventuradas as estéreis, que não geraram nem amamentaram. Nesses dias dirão aos montes: Caí sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos. Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que será no lenho seco* (Lc 23: 27/32)? Jesus era *madeiro verde*, a "videira verdadeira", estava pleno de vitalidade espiritual. Se sofria, era para o cumprimento de sua santa missão. E o fazia exemplificando serenidade, não violência. Quando ressurgisse glorioso, testemunharia a imortalidade. Os que o observavam e ainda não tinham aderido à sua mensagem vivificadora, eram *lenho seco,* sem maior vivência espiritual. Prosseguiriam errando no seu agir comum, acarretando para si mesmos merecidas dores e sofrimentos.

Examinando as mulheres do Evangelho, é preciso destacar, ainda, a admirável figura da samaritana, que mereceu de João quase todo o capítulo 4 do seu relato e à qual dediquei o capítulo 2 de meu livro *Na luz do Evangelho*. Já ao início do seu diálogo com Jesus, notamos que, apesar de estranhar que ele, sendo judeu, dirija a palavra a ela, uma samaritana, pois usualmente não eram amigáveis as relações entre judeus e samaritanos, essa mulher de mente ampla não se nega à conversação. Ao ouvir Jesus falar que lhe poderia dar "água viva", comenta, observadora, que ele não tem com que tirar água do poço, que é fundo, mas demonstra estar aberta para novas possibilidades, indagando, curiosa, onde teria ele a água que lhe oferece. Anuncia-lhe o Mestre que a água que der passará a jorrar na pessoa como fonte para a vida eterna. É que o conhecimento espiritual, quando adquirido, faz-se base inicial de compreensão que abrirá, para a pessoa, perspectivas admiráveis e cada vez mais amplas quanto à vida imortal. A samaritana ainda não alcança o inteiro sentido da afirmativa de Jesus, mas, raciocinando de modo prático, pede para receber daquela água e, assim, não ter mais sede, nem precisar ir ao poço para buscar o líquido precioso. Jesus, então, revela algo de suas possibilidades espirituais, demonstrando conhecer-lhe a vida, mesmo nunca a tendo encontrado antes. Por esse sinal, ela lhe percebe a qualidade de "profeta", de ser um porta-voz do Alto. E, ante alguém com poderes especiais, essa samaritana, revelando admirável desprendimento, não solicita nada material, mas pede que lhe esclareça quanto a algo espiritual: a adoração a Deus. E Jesus ensina não haver um lugar físico especial para isso, pois *Deus é espírito e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade*, isto é, em ação espiritual e sincera. *Eu sei que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier nos anunciará todas as coisas...* A afirmativa que a samaritana faz parece soar como tímida e indireta pergunta: És *o Messias?* Deve ter sido por isso que Jesus, que geralmente se ocultava, para se proteger de eventuais adversários, a ela se revela confiante: *Sou eu, o que fala contigo.*

Chegam os apóstolos e o diálogo se interrompe, mas, fraterna, a samaritana pensa nos outros de sua comunidade e vai até eles, procurando interessá-los para que também conhecessem Jesus e ouvissem sua mensagem. E conseguiu bom êxito, pois, atraídos pelo seu testemunho, muitos samaritanos saíram da cidade e foram ter com Jesus, e muitos acreditaram nele.

Quando Jesus foi crucificado, com exceção de João, os demais apóstolos lá não estavam, haviam se escondido, receosos de perseguição. Mas seguiam-no, fiéis, *as mulheres que, desde a Galiléia, o acompanhavam e serviam, e, além destas, muitas outras que haviam subido com ele para Jerusalém* (Mc 15:40/41 e 45, e Lc 23:49). Elas viram quando Jesus foi colocado no túmulo cedido por José de Arimateia *e se retiraram para preparar aromas e bálsamos* necessários ao preparo do corpo para o sepultamento, o que fariam no domingo de manhã (Lc 23:55/56). Foram elas as primeiras que deram com o túmulo vazio, ali viram os mensageiros espirituais, deles ouvindo a notícia feliz: *Ele não está aqui, mas ressuscitou,* e levaram aos apóstolos o primeiro alerta sobre a ressurreição de Jesus, embora os apóstolos não lhes dessem crédito, porque *tais palavras lhes pareciam um como delírio"* (Lc 24:1/11). Madalena, que viu o Mestre ressurgido e com ele falou, conseguiu atrair Pedro e João ao túmulo para que constatassem que não estava mais ali (Jo 20: 1/18) e, certamente, transmitiu a eles a orientação que Jesus lhes mandara dizer. Depois, o próprio Mestre começou a aparecer e se materializar ante apóstolos e discípulos, em várias ocasiões e locais, ao longo de quarenta dias, até que se despediu, elevando-se à vista de todos e se desmaterializando, deixando, porém, consolidada neles a certeza da sua imortalidade e de que continuaria a assisti-los pessoalmente e pela presença do Paráclito, através dos tempos.

Como vemos, do começo ao fim de sua sublime missão, Jesus contou com a presença e cooperação de muitas mulheres, que o entenderam e seguiram fiéis, ficando imortalizadas nas páginas dos evangelistas e na lembrança e respeito de todos nós. ■

Therezinha Oliveira é expositora e escritora espírita.

LA VIRINOJ DE LA EVANGELIO

Malgraŭ la fakto ke la israela socia strukturo ne faciligis al la homulinoj grandan ĉeeston kaj aktivecon publikajn, la evangeliumisto Luko diras ke kelke da virinoj sekvadis Jesuon kaj la apostolojn dum liaj marŝadoj, certe perrimede kaj helpe apogante Lin, uzante siajn posedaĵojn[1]. Tiamaniere, ili elmontris al Jesuo siajn plej vivoplenajn dankemojn, ĉar Li diversfoje liberigis ilin el malbonaj spiritoj kaj malsanoj; inter tiaj virinoj estis Maria Magdaleno, Johanino (edzino de Cuza *[legu Kuza]*, prokuroro de Herodes) kaj Suzana. Ni citos kelke da okazintaĵoj en kiuj estas evidentaj la kompreno kaj la kompato de Jesuo rilate al la suferantaj homulinoj.

Adultulino persekutata de popolamaso, kies celo estis justeco, laŭepoke, renkontis en Jesuo sian defendon, komence kaj ŝajne silenta, sed ĵus poste elokventa kaj decida, sentenca: tiu, kiu inter vi estas senpeka, estu la unua kaj ĵetu sur ŝin ŝtonon. Ŝin rigardante, libera pro la eliro de ĉiuj akuzintoj, diris al ŝi, komprenema: nek mi, egale, kondamnas vin; iru kaj ne plu peku.[2]

Pri la pekulino kiu, jam pentita, lavis liajn piedojn per la propraj larmoj, ilin sekigante per la propraj haroj, kaj ilin ŝmirante per ungvento de ŝi portata, asekuris la Majstro al Simono, la farizeo Lin gastanta, ke ŝiaj multaj pekoj estis pardonataj, ĉar ŝi multe amis[3]. Ŝia amo, pento kaj deziro pri morala rehabilitado estis fortege elmontrataj en tiu simpla ago.

La virino hemoragia, pro ŝia fido varma, proksimiĝanta al Jesuo, intime pensis: se mi nur tuŝos liajn vestojn, mi estos kuracata. Tion farante, agis kiel suĉanta pumpilo, kaptante la kuracan virton de Jesuo, eĉ estante Li meze al la popolamaso, kiu Lin envolvis kaj premis[4]. Prete sin haltis ŝia hemoragio kaj ŝi sin sentis kuracata el ŝia skurĝo. Jesuo perceptis la fakton: Kiu tuŝis min? Ĉar mi sentis ke el mi eliris virton. Kiam la virino sin indikis, Li diris al ŝi: filino, via fido savis vin; iru enpace, kaj restu libera el via malsano[5,6].

Sed, en la Sinagogo, kompatinta la virinon kiu marŝadis kurbigata 18 jarojn, ne povante malkurbiĝi, Jesuo agis kiel pumpilo repremanta: Siaj manoj super ŝi kaj uzante Siajn bonefikajn fluidaĵojn, kun firma volo kaj morala aŭtoritato, ŝin liberigis el "spirito de malsano".[7]

Estante Jesuo en la regiono de Tiro kaj Cidono, kanaanidino petis al Li helpon por la filino, terure posedata de demono. Spite al la oponado de la disĉiploj, insiste petante ŝi sekvis Jesuon laŭ Lia vojo, elmontrante posedi grandan fidon pri Lia kapablo kuraci ŝian filinon. Post aŭdi el la Majstro ke Li nur iris al tiu loko serĉante la "ŝafinojn perditajn de la Domo de Israelo", ŝi humile rekonis ne havi multe da meriton, sed insistis petante helpon, diligente argumentante: "Jes, Sinjoro, sed la hundetoj manĝas el la manĝaĵon-pecetoj falintaj el la tabloj de ĝiaj mastroj", finfine sukcesante pri la helpopeto[8].

Estas necese ankoraŭ reliefigi la mirindan figuron de la Samariidino, meritinta el la apostolo Johano preskaŭ la tutan kvaran ĉapitron de lia evangelia raporto. Komence, en la dialogo kun Jesuo, ni perceptas ke tiu virino, spite al miri pri Lia ago paroli al ŝi, Samarianino, Li estante juda, ĉar la rilatoj inter gesamarianoj kaj gejudaj ne estis bonaj, tiu menslarĝa virino ne rifuzis koversacii kun Li.

Aŭdinte jesuon diri ke Li povus doni al ŝi "vivan akvon", ŝi komentas, observeme, ke Li ne povus ĉerpi akvon el la puto, kiu estis profunda, sed elmontras esti malfermata al novaj eblecoj, demandante, kurioza, kie Li havus la akvon oferatan. Anoncas la Majstro ke la akvo donata de Li ekŝprucos el la persono ĝin ricevinta, kiel fonto por la eterna vivo. La spirita kono, ricevita, fariĝas bazo unua de la kompreno kiu malfermos, por la persono, mirindajn kaj ĉiam pli larĝajn perspektivojn de la senmorta vivo. Ankoraŭ ne kaptinte la tutan sencon de la aserto de Jesuo, sed rezonante je praktika maniero, la Samarianino petas ricevi el tiu akvo, celante ne plu soifi, nek bezoni iri al puto por ĉerpi la valoregan likvaĵon. Jesuo, post tiu momento, malvualigas iomete Siajn spiritajn eblecojn, elmontrante koni ŝian vivon, spite al neniam esti ŝin renkontinte. Antaŭ tiu signalo, ŝi rekonas Lian kvaliton de "Profeto", de proparolanto de la Moralaltecoj. Mi scias ke devas veni Mesio, nomata Kristo; kiam Li venos, al ni anoncos ĉion... Ŝia aserto sonas, ŝajne, kiel timema kaj malrekta demando: ĉu vi estas la Mesio? Eble pro tio, Jesuo, kiu kutime sin kaŝis celante protekti Sian mision kontraŭ eventualaj oponantoj, al tiu virino sin malkaŝis, fide: estas mi, tiu kiu parolas al vi[9].

Kiam Jesuo estis krucumata, escepte de Johano, la aliaj apostoloj ne estis tie; ili sin kaŝis, timante persekutadon. Sed sekvadis Lin la virinoj kiuj, ekde la Galileo, Lin akompanis kaj servis, kaj krom tiuj, multe da aliaj virinoj, kiuj supreniris kun Li al Jerusalemo.[10,11]

Maria Magdaleno, kiu vidis la Reaperintan Majstron kaj al Li parolis, sukcesis altiri Petron kaj Johanon al la tombo, celante konstati ke Li ne plu estis tie[12] kaj, certe, al ili transmitis la gvidon kiun Jesuo sendis tra ili, la virinoj.

Kiel ni povas vidi, ekde la komenco ĝis la fino de Lia superbela misio, Jesuo kalkulis je ĉeesto kaj kooperado de multaj virinoj, kiuj Lin komprenis kaj fidele sekvis, nemortemaj en paĝoj de la evangeliumistoj, en la memoro kaj respekto de ĉiuj ni. ■

> Therezinha Oliveira estas spiritisma verkistino kaj prelegantino

Referencoj:
[1]BIBLIO. N.T. Luko. Ĉap. 8, paragrafetoj 1-3.
[2]Same. N.T. Johano, Ĉap 8, paragrafetoj 1-11.
[3]Same. N.T. Luko. Ĉap 7, paragrafetoj 36-50.
[4] Kardec, Allan. La Genezo. Traduko de Guillon Ribeiro. 25a. Eld. Rio de Janeiro: FEB, 1982. Ĉap XV, itemo 11.
[5]BIBLIO. N.T. Marko. Ĉap. 5, paragrafetoj 25-34.
[6]Same. N.T. Luko. Ĉap. 8, paragrafetoj 43-48.
[7]Same. N.T. Luko. Ĉap. 13, paragrafetoj 10-13.
[8]Same. N.T. Mateo. Ĉap. 15, paragrafetoj 21-28.
[9]Same. N.T. Johano. Ĉap 4, paragrafetoj 1-30.
[10]Same. N.T. Marko. Ĉap. 15, paragrafetoj 40-41.
[11]Same. N.T. Luko. Ĉap. 23, paragrafeto 49.
[12]Same. N.T. Johano. Ĉap 20, paragrafetoj 1-18.

ICEB – Aulas de Esperanto – Sábado, 10h30min às 12h

Yasmin Madeira

ANGÚSTIA E SERENIDADE

Encontro com Jesus

"Disse-vos essas coisas para que tenhais paz em mim. Haveis de ter aflições no mundo, mas tende confiança, eu venci o mundo." Jesus (João, 16:33)

Muitos irmãos buscam nas religiões o alívio para uma forte e recorrente emoção caracterizada por sensação de abafamento, de dor e ressentimento. Em algumas vezes é como um pressentimento, como se algo terrível fosse acontecer. Em outras ocasiões, essa emoção surge diante de perigos e circunstâncias reais, como uma doença, desemprego, separação conjugal, ameaças, nos quais percebemos nossa impotência frente a cenários tempestuosos. Aparece, igualmente, com as criações mentais fantasiosas, quando imaginamos situações difíceis que fazem brotar no peito essa sombra, essa emoção chamada *angústia.* Proveniente do latim, a etimologia da palavra nos auxilia a lhe compreender o sentido: carência, falta, espaço reduzido e estreiteza.

Para a Psiquiatria, a angústia também pode ser gerada por questões fisiológicas como anemia, menopausa, problemas cardíacos, hormonais, etc. Mesmo quando ela tem origem puramente emocional pode chegar a nível patológico, produzindo problemas psicossomáticos que afetam todo o organismo humano. Nesses casos é fundamental o apoio profissional.

Difícil é encontrar alguém que afirme jamais ter sentido essa dor moral diante dos desafios que o mundo oferece aos viajores da vida! Com justo motivo, filósofos e cientistas ao longo da história lhe buscaram as causas oferecendo suas interpretações sempre ajustadas às lentes pessoais de compreensão do sentido e valor da vida humana.

Sigmund Freud, pai da psicanálise, durante décadas pesquisou a angústia e concluiu que vivemos um profundo mal-estar gerado pelo avanço do capitalismo e dos desafios dele decorrentes. Estudando o aparelho psíquico propõe, igualmente, a existência de um constante conflito interno entre três instâncias psíquicas que estruturam o equilíbrio do ser humano: nossos desejos (Id) vivem em constante atrito com o nosso instinto repressor (Superego). À consciência (Ego) cabe o papel de avaliar as consequências dos desejos e decidir, a cada caso, se é conveniente atender aos apelos do Id ou aos do Superego. Para Freud, esse permanente conflito intrapsíquico é a causa de nossas angústias.

A Doutrina Espírita nos alarga o campo de pesquisa das diversas causas de nossas aflições e nos indica medidas de prevenção e cura desses males da alma. Não temos poder sobre os acontecimentos, mas sobre nossa reação a eles.

Para o Espiritismo somos espíritos imortais, criados simples e ignorantes por Deus, a Inteligência Suprema, Grande Causa da vida, e já tivemos inúmeras experiências ligados a um corpo físico, em nosso processo de evolução. A responsabilidade que temos em nossas decisões está na razão direta do nível de consciência alcançado e, por isso, podemos afirmar que as alegrias e aflições exteriores são repercussões de nossas escolhas do passado, que nos situam em determinados padrões de experiências educativas.

Múltiplas podem ser as causas das angústias que algumas vezes ensombram nossas existências. Além das perdas e das frustrações geradas pelo cotidiano da vida, podemos trazer traumas, medos, dessa ou de anteriores existências, que vêm à tona diante de determinados desafios. Trazem vibrações que nos mobilizam, gerando aflições aparentemente inexplicáveis. Além disso, como tudo o que pensamos gera elementos bioquímicos e energia, cogitações pessimistas, julgamento das atitudes alheias, lembranças desagradáveis, quando levantadas sem objetivos funcionais, iniciam desnecessários estados mórbidos de humor.

Ao tratarmos a angústia assim que ela desponta, sem medo, vendo-a como um recurso para que identifiquemos algo em nós que necessita de cuidados, ela funciona como um excelente sinalizador e mobilizador de nossa vontade, que, no entanto, vai entorpecendo aos poucos nossos centros mentais de discernimento, se teimarmos em não lhe dar ouvidos.

Maria Clara, amorosa mentora de nossa Casa Espírita, orienta que observemos os pensamentos que antecedem as sensações angustiosas. Têm eles uma base em desafios reais que estamos atravessando? Se positiva a resposta, oremos rogando a Deus inspiração para que planejemos passo a passo a solução dos mesmos. Realizando o que nos cumpre, treinemos a confiança irrestrita em Deus e caminhemos posicionando a mente no momento presente, o único real. A cada dia basta o seu mal, nos alerta Jesus. O Mestre, ainda esclarece: "*Se sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, sendo maus como sois, o que vos dará vosso pai que está no céu quando lho pedirdes?...*"

Se o processo de angústia não apresenta causa aparente, certamente ele é um convite a mudanças existenciais. Pode estar indicando a necessidade de rumos novos que irão surgir se você, aos poucos, como quem dá pequenos passos, saindo bem de mansinho da zona de conforto, integrar ao seu cotidiano atividades produtivas, voluntárias, que lhe tragam saúde e prazer, orar em horários definidos pelo menos uma vez ao dia, meditar, ler textos edificantes, tomar passes, praticar esportes, procurar acompanhamento profissional, médico ou psicológico, abraçar amigos, e utilizar-se de todos os recursos, inclusive os da arte, que possibilitem a neutralização de fixações mentais em temas disfuncionais e processos hipnóticos.

O psiquismo curador do Cristo, nosso terapeuta por excelência, está ao seu alcance. Entramos em contato com Ele pela prática do bem, sem apego a resultados ou aplausos, pela oração, pela prática do perdão e por uma infinidade de técnicas espirituais. A visualização terapêutica a seguir é um recurso que facilmente abre nosso cosmo íntimo para as luzes de Jesus e tem o poder de despertar estados de serenidade e lucidez, neutralizadores das emoções perturbadoras. Tente, leitor (a) amigo (a), realizá-la com perseverança e descobrirá a serenidade do Cristo iluminando sua vida e orientando o seu caminho.

Recolha-se, em lugar onde ninguém o (a) interrompa, e, após sentida prece, imagine-se subindo linda escada que finda diante de uma larga porta. Ao abri-la, você se percebe em um tranquilo jardim. É o sagrado recanto de sua alma, seguro e acolhedor. Delicioso aroma perfuma o ar, seus pés descalços sentem a grama macia... à sua frente surge uma estrela que vai tomando forma. É Jesus! Observe o amor por você que brota do olhar do Senhor... Permita-se banhar nesse amor que exala do Mestre e envolve todo o seu corpo agora. A serenidade do Cristo penetra você. Sinta energias novas desfazendo todo o mal e ativando a alegria de viver, a confiança em Deus... ■

Bibliografia consultada:

FRANCO, Divaldo. **Amor imbatível amor.** Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: Livraria Espírita Alvorada Editora, 1998.

Bíblia Sagrada. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 8. ed. São Paulo: Feesp, 1995.

_____. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1981.

PIRES, J.H. **Introdução à filosofia Espírita.** São Paulo: Paidea, 1983.

ICEB – Curso sobre Doutrina Espírita – Sábado, 10h30min às 12h

Saulo Wanderley

Passe
Transfusão da Energia do Amor

Jesus impunha as mãos aos doentes e transmitia-lhes os bens da saúde. (...) os apóstolos passaram a impor as mãos fraternas em nome do Senhor e tornaram-se instrumentos da Divina Misericórdia[1].

Na imposição de mãos, ocorre transfusão de plasma extrafísico composto de partículas livres de antimatéria, isto é, positrônios, antinêutrons e antiprótons, como exemplo[2].

Aí estão duas marcas de época, a completarem-se perfeitamente, embora a muitos assim não pareça, à primeira vista. De Jesus conhecemos um potencial de amor – ***e nada ocorrerá sem amor*** – que não podemos avaliar; da ciência espírita hodierna colhemos informações sobre os veículos da energia doador-receptor, carreada na transfusão ***passe***. Completam-se os conceitos porque os fluxos extrafísicos citados por J.H. Pires foram simplesmente estabelecidos em grandes qualidade e intensidade por Jesus, promovendo curas cujo assombro comum e compreensível chamou ***milagres***.

No trânsito agitado da vida, até nossos dias, o homem fez uso de suas possibilidades, neste campo, às vezes sem o saber mesmo, antes da vida de Jesus na Terra, inclusive, mas fez. Foi passe a vibração amorosa e piedosa que cada mãe, na história da humanidade, mandou aos céus, suplicando pelo filho enfermo...

Nos tempos que correm, com o fator estudo, inerência conceitual das práticas espíritas, chegaram-nos mais notícias, dando provas dos aspectos citados, e proporcionando à vida humana outro fator de exortação ao bem: podemos curar nossos semelhantes, e mesmo curar-nos, e tanto mais eficientemente quanto mais nos tivermos aperfeiçoado moralmente e ajustado a certas condições.

Quanto à situação humana adequada à aplicação do passe, requerem as leis naturais, e a prática o demonstra, *boa vontade e fé, prece e mente desocupada do mal, mente no bem e amor*[3] são os constituintes da condição viabilizadora do fenômeno de ***transfusão energética do passe***, com as consequentes curas, reabilitações e até redirecionamentos morais; é então querer ajudar, ligar-se ao alto e mobilizar as forças do amor residentes em toda alma para que aqueles objetivos maiores se cumpram, gerando dividendos supremos, inclusive para o próprio dispensador das energias.

É tamanho o alcance do passe que espíritos de elevada envergadura moral o utilizam até mesmo para promover, sob auspícios maiores, desencarnações necessárias e oportunas, como fez Calderaro com Fabrício – história narrada por André Luiz, em *No mundo maior* - causando criteriosamente, com recursos magnéticos do passe, a calcificação de veias que levariam a uma morte tranquila, em poucos dias, porque era chegada a hora da partida para Fabrício, mercê de disposições vindas do Alto[4].

Outro serviço em que o passe produz muito é a terapêutica desobsessiva, sendo imperativo, às vezes, para que um espírito em sofrimento recupere, ainda que só por momentos, condições mínimas necessárias à captação do que lhe será dito, no interesse de seu reequilíbrio e reajustamento à ordem de que se afastou; acontece, não raro, ter a aplicação de um único passe êxito surpreendente, mesmo na avaliação de pessoas afeitas àquele trabalho[5].

O pouco que se disse deixa-nos clara a necessidade de desenvolver o passe nas instituições espíritas, e mesmo fora delas, com o devido cuidado, vez que parcela de peso dos esforços e interesses humanos evolutivos pode ser socorrida com aquele recurso. ■

Saulo Wanderley é engenheiro, expositor espírita e esperantista

Referências bibliográficas

[1]XAVIER, F. Cândido. **Caminho, verdade e vida**. Pelo Espírito Emmanuel. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1948. Cap. 153.

[2]PIRES, J. Herculano. **Obsessão – o passe – a Doutrinação**. 6. ed. SP: Paidéia, 1995. P. 35 a 55. p. 35-55.

[3]PERALVA, Martins. **Estudando a mediunidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB,1983. Cap. XXVI.

[4] XAVIER, F. Cândido. **No mundo maior.** Pelo Espírito André Luiz. 12. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1984. Cap. 12.

[5] CALDAS Schubert, Suely. **Obsessão -desobsessão**. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990. Cap. 10.

A *internet* e o jovem espírita

A *Internet*, como sabemos, é um fenômeno irreversível que deve ser aproveitado a nosso favor, e não contra. A cada minuto, milhões de informações são trafegadas, numa avalanche de dados para a qual estamos expostos todos os dias. O conceito de "vida virtual" já está consolidado: podemos trabalhar, comprar produtos e serviços, nos divertir e até mesmo fazer novos relacionamentos através da rede mundial de computadores. Segundo uma recente pesquisa promovida pelo instituto Ipsos Brasil, 93% dos brasileiros possuem acesso a Internet com ou sem computador em casa. Negá-la ou ignorá-la, portanto, seria deixar de reconhecer a evolução dos tempos e da tecnologia, que deve caminhar, de acordo com o que diz a própria Doutrina, em benefício da humanidade.

Para além da questão da habilidade em operá-la, quando jovens e crianças manuseiam os computadores com destreza e naturalidade, a Internet mexeu diretamente com o contato destes com o mundo, sendo esta uma relação mediada. Os jovens conversam com seus amigos por meio de teclados, monitores e programas. Os encontros e desencontros, o lazer, tudo se faz por intermédio da máquina, em jornadas de horas a fio, em dias e madrugadas, conversando, navegando e interagindo.

Além da mediação, a Internet cria no jovem e na criança o hábito de realizar várias atividades ao mesmo tempo. A semelhança do ambiente multitarefa dos computadores, com múltiplas janelas abertas, disputa a atenção dos sentidos sobre-excitados, entre sons e imagens.

A conduta moral do jovem espírita deve ser exercitada em todos os setores da sociedade. Por isso, tal conduta deve ser igualmente praticada quando ele utiliza a Internet. Neste sentido, seguem algumas informações importantes para o bom uso da rede mundial de computadores. Esteja atento aos *sites* que costuma frequentar. A Internet possui milhares de opções; várias são boas e produtivas, ensinando informações novas que são importantes para o nosso conhecimento, além de serem fontes de entretenimento sadio. Entretanto, muitos outros são os *sites* com conteúdos duvidosos ou que transmitem informações nocivas. Portanto, antes de entrar em um *site*, faça a sua avaliação com base nos conceitos morais que a Doutrina nos oferece!

Quando utilizar *sites* de relacionamento, esteja atento à linguagem que utiliza para se comunicar, mantendo um padrão elevado. É fundamental evitar palavras chulas e pesadas. Portanto, nunca responda com palavrões, mesmo que usem de grosserias.

Lembre-se de que atrás de um personagem, de um *nick*, de um avatar, existe uma pessoa: **você**. Por fim, respeite para ser respeitado e trate os outros como você gostaria de ser tratado. Até a próxima! ■

Marcos Leite é jornalista, publicitário e coordenador do programa "Espaço Jovem", veiculado pela Rádio Rio de Janeiro (1400 KHz AM)

www.radioriodejaneiro.am.br

Certas Palavras

CANON – do grego *Kanon*, significa **cana**. No hebraico, *Kane* – planta usada para medir e pautar e, mais tarde, uma lista de coisas ou itens escritos em uma coluna.

Referência:
SEVERINO, Celestino da Silva. **O sermão do monte**. João Pessoa, PB: Ideia, 2005. p. 19-20.

ICEB – Tels.: 0XX(21) 2224-1060 / 2224-0736 – culturaespirita@oi.com.br / institutodeculturaespirita@gmail.com

Alberto Leitão Rosa

O CENTRO ESPÍRITA DO MUNDO DE REGENERAÇÃO

Nos dias atuais, o ser humano, chegando ao fundo do poço, começa seu despertar do sono da ilusão, quando se ocupava exclusivamente com as exigências do corpo. Passa então a sentir um vazio, próprio do carente das necessidades da alma. Falta-lhe algo que não sabe explicar exatamente o que é, sente-se incompleto. Assim, aproxima-se dos valores espirituais.

São almas frágeis portadoras de conflitos psicológicos, que desejam a isenção das dores de forma rápida e milagrosa. A base mística e devocional está enraizada em seu ser. Em uma palavra, querem a salvação sem esforços.

Esse homem precisa decididamente descobrir quem ele é e porque está aqui, romper crenças dogmáticas e crer porque sabe e compreende. Conhecendo o Espiritismo em todos os seus aspectos, observando suas consequências atreladas à realidade humana, ele encontrará não só o saber, mas também orientação sólida para o viver, além do consolo para as aflições.

Reiteradas vezes os benfeitores têm nos alertado de que estamos nos portais do Mundo de Regeneração. Nesses novos tempos, as instituições espíritas recebem cada vez mais criaturas carecedoras dos tesouros do céu. A assistência aumenta de forma acelerada.

As Casas Espíritas precisam preparar-se convenientemente para revelar aos indivíduos a grave responsabilidade da condução de seus destinos. Os trabalhadores desses núcleos espiritistas devem estar conscientes da essência da mensagem espírita para não deturpá-la, evitando que ela perca sua integridade. É momento então de avaliarmos se estamos, na condição de colaboradores dessas organizações, capacitados para receber esses irmãos e orientá-los a contento.

Como qualificar os aspirantes a trabalhadores dos Centros Espíritas desse mundo regenerado? Parodiando Emmanuel, diríamos que três preceitos básicos devem ser observados para que essa meta seja alcançada: estudo, estudo e estudo. Nas instituições onde seus trabalhadores, e consequentemente suas lideranças, são forjadas com base no estudo, o que significa mergulhar na cultura espírita, tudo acontece de modo natural e automático, sem disputas, sem melindres. Para tal, a fonte primordial do aprendizado é a Codificação Espírita.

Mas antes que alguém se arvore em condenar o "intelectualismo" em favor da "humildade", vamos pedir auxílio ao professor Deolindo Amorim[1] quando afirma: "O vezo de confundir **cultura** com **pedantismo intelectual**, sem saber que a cultura é uma necessidade para que o Espiritismo não fique à margem como doutrina desatualizada, está estimulando, cada vez mais, a falsa humildade, que é, por sua vez, uma das condições propícias à formação de falsas lideranças." Homem a frente de seu tempo, o professor já nos indicava o caminho seguro para atingir tal objetivo.

Esse estudo, realizado de forma perseverante, com capacidade crítica e isento de idéias preconcebidas, engendrará alteração de comportamento, sentimentos, hábitos, crenças e progresso, se seguido de reflexões, meditações e vontade ativa de sermos pessoas melhores em todos os sentidos.

É um processo que precisa ter um planejamento prévio, com objetivos bem delineados e instrumentos de avaliação dos resultados claramente definidos. Por isso, é forçoso que as equipes se reúnam periodicamente para planejamento, reciclagem e avaliação, quando a crítica, visando ao crescimento de todos, será muito bem vinda. Nesses encontros, o compartilhamento das experiências com companheiros do movimento espírita é igualmente valioso.

Diante da nova era que se aproxima, aproveitemos as oportunidades benditas dentro da Seara Espírita, nos empenhando diuturnamente para corresponder às expectativas daqueles que nos guiam, tendo por base primordial para nossas atitudes o amor, mas não nos esquecendo que o Guia e Modelo da Humanidade, exalando o puro amor, ensinou-nos a lavarmos os pés uns dos outros (João 13:14) e alertou-nos que muito se pedirá àquele que muito recebeu (Lucas 12:48). ■

Alberto Leitão Rosa é engenheiro, professor do ensino técnico e trabalhador espírita

Referência:
[1]AMORIM, Deolindo. **Doutrina Espírita** – Curso no Instituto de Cultura Espírita do Brasil. 2. ed. Salvador-BA: Circulus, 2002. p. 74.